Sonetos Amorosos

LXXXI

Que poderei do mundo já querer,
Naquilo em que pus tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desamor,
E morte, enfim, que mais não pode ser?

Pois vida me não faria de viver,
Pois já sei que não mata grande dor,
Se cousa há que mágoa dê maior,
Eu a verei, que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, me assegurou,
De quanto mal me vinha; já perdi
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor somente vi,
Na morte a grande dor que me ficou
Parece que para isto só nasci.

Sonetos Amorosos

LXXXII

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mim ressuscitais
Dizei-me: ainda não vos contentais
De terdes quem vos tem tão descontente?

Que fantasia é esta, que presente
Cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentais
Quem nem por sonhos pode ser contente?

Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, de esquivos, declarar-me
Que é isto que vos traz tão enleados?

Não me negueis, se andais para negar-me,
Que se contra mim estais alevantados
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

Sonetos Amorosos

LXXXIII

Se tomar minha pena em penitência
Do erro em que caiu o pensamento,
Não abranda, mas dobra meu tormento,
A isto e a mais obriga a paciência.

E se uma cor de morto na aparência,
Um espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vós não faz, Senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciência.

Mas se de qualquer áspera mudança,
Toda a vontade isenta Amor castiga
— Como eu vejo no mal que me condena —,

E se em vós não se entende haver vingança,
Será forçado — pois Amor me obriga —
Que eu só da culpa vossa pague a pena.

Sonetos Amorosos

LXXXIV

Os vestidos Elisa revolvia,
Que lhe Eneias deixara por memória;
Doces despojos da passada glória,
Doces, quando seu Fado o consentia.

Entre eles a formosa espada via
Que instrumento foi da triste história;
E, como quem de si tinha a vitória,
Falando só com ela, assim dizia:

"Formosa e nova espada, se ficaste
Só para executares os enganos
De quem te quis deixar, em minha vida,

Sabe que tu comigo te enganaste;
Que, para me tirar de tantos danos,
Sobeja-me a tristeza da partida".

Sonetos Amorosos

LXXXV

Oh! quão caro me custa o entender-te,
Molesto Amor, que só por alcançar-te,
De dor em dor me tens trazido a parte
Onde em ti ódio e ira se converte!

Cuidei que, para em tudo conhecer-te,
Me não faltasse experiência e arte;
Mas vejo n'alma acrescentar-te
Aquilo que era causa de perder-te.

Estavas tão secreto no meu peito
Que eu mesmo, que te tinha, não sabia
Que me senhoreavas deste jeito.

Descobriste-te agora; e foi por via
Que teu descobrimento e meu defeito,
Um me envergonha e outro me injuria.

Sonetos Amorosos

LXXXVI

Se, depois de esperança tão perdida,
Amor pela ventura consentisse
Que ainda alguma hora breve alegre visse
De quantas tristes viu tão longa vida;

Uma alma já tão fraca e tão caída,
Por mais alto que a sorte me subisse,
Não tenho para mim que consentisse
Alegria tão tarde consentida.

Nem tão somente Amor me não mostrou
Uma hora em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou;

Mas ainda tanta pena me consente,
Que com o contentamento me tirou
O gosto de alguma hora ser contente.

Sonetos Amorosos

LXXXVII

O raio cristalino se estendia
Pelo mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise, pastora delicada,
Donde a vida deixava, se partia.

Dos olhos, com que o sol escurecia
Levando a vista em lágrimas banhada,
De si, do Fado e Tempo magoada,
Pondo os olhos no Céu, assim dizia:

“Nasce, sereno Sol, puro e luzente;
Resplandece, formosa e roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;

Que a minha, sabe tu que, desde agora,
Jamais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhuma outra pastora”.

Sonetos Amorosos

LXXXVIII

Quem quiser ver d'Amor uma excelência
Onde sua fineza mais se apura,
Atente onde me põe minha ventura,
Por ter de minha fé experiência.

Onde lembranças mata a larga ausência,
Em temeroso mar, em guerra dura,
Ali a saudade está segura,
Quando mor risco corre a paciência.

Mas ponha-me Fortuna e o duro Fado
Em nojo, morte, dano e perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;

Ponha-me, enfim, em baixo ou em alto estado;
Que até na dura morte me acharão
Na língua o nome, e n'alma a vista pura.

Sonetos Amorosos

LXXXIX

Cantando estava um dia bem seguro,
Quando, passando, Sílvio me dizia
(Sílvio, pastor antigo que sabia
Pelo canto das aves o futuro):

“Méris, quando quiser o Fado escuro,
Oprimir-te virão em um só dia
Dois lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro”.

Bem foi assim; porque um me degolou
Quando gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava;

E outro, por mais dano, me matou
A cordeira gentil que eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha!

Sonetos Amorosos

XC

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado,
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta “quando”:
Não sei, que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado
Que o passado por ledo estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças;
Cantava, mas já era ao som de ferros.

De quem me queixarei, se tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças
Onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

Sonetos Amorosos

XCI

Por sua Ninfa, Céfalo deixava
Aurora, que por ele se perdia;
Posto que dá princípio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitava.

Ele, que a bela Prócris tanto amava
Que só por ela tudo enjeitaria,
Deseja de atentar se lhe acharia
Tão firme fé como nele achava.

Mudado o traje, tece o duro engano;
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudável, e consente.

Ó engenho subtil para seu dano!
Vede que manhas busca um cego amante
Para que sempre seja descontente!

Sonetos Amorosos

XCII

Sentindo-se tomada a bela esposa
De Céfalo, no crime consentido,
Para os montes fugia do marido;
E não sei se de astuta ou vergonhosa.

Porque ele, enfim, sofrendo a dor ciosa,
Da amor cego e forçoso compelido,
Após ela se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.

Deita-se aos pés da Ninfa endurecida,
Que do cioso engano está agravada;
Já lhe pede perdão, já pede a vida.

Ó força de afeição desatinada!
Que da culpa contra ele cometida,
Perdão pedia à parte que é culpada!

Sonetos Amorosos

XCIII

O céu, a terra, o vento sossegado,
As ondas que se estendem pela areia,
Os peixes, que no mar o sono enfreia,
O nocturno silêncio repousado.

O pescador Aónio, que, deitado
Onde co vento a água se meneia,
Chorando, o nome amado em vão nomeia,
Que não pode ser mais que nomeado.

Ondas — dizia — antes que Amor me mate,
Tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo
Me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

Sonetos Amorosos

XCIV

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas, que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

Sonetos Amorosos

XCV

Na desesperação já repousava
O peito longamente magoado
E, com seu dano eterno concertado,
Já não temia, já não desejava.

Quando uma sombra vã me assegurava
Que algum bem me podia estar guardado
Em tão formosa imagem, que o treslado
Na alma ficou, que nela se enlevava.

Que crédito que dá tão facilmente
O coração àquilo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!

Oh! deixem-me enganar, que eu sou contente;
Que, posto que maior meu dano seja,
Fica-me a glória já do que imagino.

Sonetos Amorosos

XCVI

Senhora minha, se a Fortuna imiga,
Que em mim fim com todo o Céu conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Por que em mais graves casos me persiga;

Comigo leva esta alma, que se obriga,
Na mor pressa de mar, de fogo, de ira,
A dar-vos a memória, que suspira
Só por fazer convosco eterna liga.

Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome
Vos não possam tirar, nem vãos perigos.

Antes co som de voz, trémulo e rouco,
Bradando por vós, só com vosso nome,
Farei fugir os ventos e os imigos.

Sonetos Amorosos

XCVII

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgíneas faces imitando;

Nunca da ira e do vento, que arrancando
Os troncos vai, a tua injúria sinta;
Nem por malícia de ar te seja extinta
A cor que está teu fruto debuxando.

E pois me emprestas doce e idóneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro minha glória,

Se não te celebrar como mereces,
Cantando-te, sequer farei contigo
Doce, nos casos tristes, a memória.

Sonetos Amorosos

XCVIII

O filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
O hórrido Piton, brava serpente
Matou, sendo das gentes tão temido.

Feriu com arco, e de arco foi ferido
Com ponta aguda de ouro reluzente;
Nas Tessálicas praias, docemente,
Pela Ninfa Peneia andou perdido.

Não lhe pôde valer, para seu dano,
Ciência, diligências, nem respeito
De ser alto, celeste e soberano.

Se este nunca alcançou nem um engano
De quem era tão pouco em seu respeito,
Eu que espero de um ser que é mais que humano?

Sonetos Amorosos

XCIX

Presença bela, angélica figura,
Em quem, quanto o Céu tinha, nos tem dado;
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quais se está rindo a Formosura;

Olhos, onde tem feito tal mistura
Em cristal branco e preto marchetado,
Que vemos já no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura;

Brandura, aviso e graça, que aumentando
A natural beleza c'um desprezo,
Com que, mais desprezada, mais se aumenta;

São as prisões de um coração que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a sereia na tormenta.

Sonetos Amorosos

C

A morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dá o Amor, cortar quisera
Na Ausência, que é sobre ele espada fera,
E co Tempo, que tudo desbarata.

Duas contrárias, que uma a outra mata,
A Morte contra o Amor ajunta e altera;
Uma é Razão contra a Fortuna austera,
Outra, contra a Razão, Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potência
A Morte, em apartar dum corpo a alma.
Duas num corpo o Amor ajunte e una;

Para que assim leve triunfante a palma
Amor da Morte, apesar da Ausência,
Do tempo, da Razão e da Fortuna.